

Monitorando ariranhas no Pantanal: 10 anos de aprendizado

Carolina Ribas^{1,2,3*}, Caroline Leuchtenberger^{1,2}, William Magnusson¹, Guilherme Mourão²

¹Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – PPG Ecologia; ²Embrapa Pantanal – Laboratório de Vida Selvagem; ³Instituto Pró-Carnívoros

*Autor correspondente: ariranhapantanal@yahoo.com.br

Palavras Chave:

Monitoramento em longo prazo, *Pteronura brasiliensis*, Pantanal Sul- MS.

Introdução

Ariranhas são carnívoros sociais que vivem em territórios definidos ao longo dos rios e baías das Bacias hidrográficas do Orinoco, Amazônica e do Prata (Duplaix 1980, Carter e Rosas 1997). A caça ilegal no passado reduziu drasticamente a população em sua distribuição e ocorrência e hoje a espécie é considerada “Ameaçada” pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN 2011) e listada no Apêndice I (espécie ameaçada de extinção) da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas da Fauna e da Flora (CITES 2011). Hoje, as principais ameaças para a espécie são a degradação dos ambientes naturais consequentes de atividades econômicas não sustentáveis como desmatamento, hidrelétricas, mineração de ouro, poluição dos rios e sobre-pesca (OSG, IUCN 2010). O monitoramento em longo prazo das populações de ariranhas pode prover informações valiosas sobre a ecologia, as relações sociais e os status de conservação da espécie.

Métodos

De Agosto de 2002 à Junho de 2011 nós utilizamos câmara digital para monitorar uma população de ariranhas do rio Vermelho e um trecho do rio Miranda (UTM 21k 501897 7831480), considerados ambientes favoráveis à presença de ariranhas e historicamente habitados pela espécie (Schweizer 1992). A partir de 2008, nós começamos a monitorar grupos de ariranhas em baías temporárias ao longo da Estrada-Parque Pantanal (EPP) (UTM 21k 0451800 7873700 a 21k 0496300 7831500). Os corpos d’água da EPP são considerados ambientes sub-ótimos, uma vez que o volume de água gradualmente diminui na época de seca (Junho a Dezembro) e os peixes tornam-se escassos devido à alta taxa de predação por animais piscívoros como aves e jacarés, além das próprias ariranhas (Ribas et al. 2012). Nós identificamos os indivíduos pelos padrões creme de pelagem da garganta e pescoço e catalogamos os mesmos através de fotogramas associados a informações sobre sua história de vida, composição do grupo e localidade espacial. Nós classificamos os indivíduos em adultos e filhotes do ano e os alfas foram identificados através de características morfológicas, como maior largura de pescoço em machos e a presença de tetas lactantes em fêmeas, e comportamento de maior marcação e defesa de território, por

ambos os sexos. Nos últimos anos, utilizamos dardos de biópsia para responder questões genéticas, radiotelemetria para responder sobre área de vida na cheia e uso de habitat e armadilhamento fotográfico para padrões de atividade. Estes dados ainda estão sendo gerados.

Resultados

Nós identificamos 141 ariranhas compondo 18 grupos e 15 indivíduos solitários. A densidade média foi de 0.46 indivíduos/km (SD = 0.04 indivíduos) e um grupo a cada 12.98 km (SD=0.39km). Nós registramos 37 fêmeas e 42 machos e 56 indivíduos não foram identificados. Tamanho de grupo variou entre 2 e 15 indivíduos. Entretanto a composição dos grupos variou entre os anos, incluindo os indivíduos dominantes. O tamanho de território variou entre 3,9 a 14,4km, mas o local do território de todos os grupos variou durante os anos de monitoramento, e apenas dois grupos persistiram na área de estudo durante todo o período. O número de grupos (n=5) na área do rio Vermelho/Miranda se manteve constante ao longo dos anos.

Conclusão

A constante no número de grupos na área do rio Vermelho/Miranda e o aparecimento recente de grupos de ariranhas habitando ambientes sub-ótimos na Estrada Parque Pantanal são indicadores de que a população de ariranhas no Pantanal Sul está em expansão.

Fontes financiadoras

CNPQ Peld 520056/98-1, CAPES, Embrapa-Pantanal, CNPq (nº 476939/2008-9), Base de Estudos do Pantanal (BEP) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Pousada Rio Vermelho, Rufford Small Grants Foundation e Mohamed bin Zayed Species Conservation Fund.

Bibliografia

Carter, S.K., Rosas, F.C.W. 1997. Biology and Conservation of the Giant Otter *Pteronura brasiliensis*. **Mammal Review** 27(1):1-26.

CITES - Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora. 2011. CITES species database. Disponível em: <<http://www.cites.org/>>. Acesso em: Agosto 2011.

Duplaix, N. 1980. Observation on the ecology and behavior of the giant otter *Pteronura brasiliensis* in Suriname. **Revue Ecologique** (Terre Vie), 34:495-620.

IUCN – International Union for Conservation of Nature and Natural Resources. 2011. IUCN Red List of Threatened Species. Versão 2011.1. Disponível em: <<http://www.iucnredlist.org/>>. Acesso em: Set. 2011.

OSG - IUCN Otter Specialist Group. 2010. *Pteronura brasiliensis* (Gmelin, 1788), the Giant Otter. Disponível em: <http://www.otterspecialistgroup.org>. Acesso em: 28 Set. 2011.

Ribas, C., Damasceno, G., Magnusson, W., Leuchtenberger, C., Mourão, G. 2012. Giant otters feeding on caiman: evidence for an expanded trophic niche of recovering populations, **Studies on Neotropical Fauna and Environment** 47(1): 19-23.

Schweizer, J. 1992. **Ariranhas no Pantanal: Ecologia e Comportamento da *Pteronura brasiliensis***. Edibran-Editora Brasil Natureza Ltda, Curitiba, Paraná. 200 pp.